

A ETIMOLOGIA DA ILUSÃO EM KANT: TRADUÇÕES E APONTAMENTOS

THE ETYMOLOGY OF ILLUSION IN KANT: TRANSLATIONS AND NOTES

Marcio Tadeu Girotti¹

Resumo: Trata-se de compreender a tradução literal do termo alemão *Schein* a partir da Dialética Transcendental da *Crítica da razão pura* (1781/1787) e suas acepções em outras línguas que traduziram a mesma obra. Isso tendo em vista que, na tradução para o Português, há uma divergência entre o português do Brasil que traduz *Schein* por ilusão e o Português de Portugal que traduz *Schein* por aparência. Com isso, iremos procurar na obra *Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica* (1766), nas *Reflexões* e nas *Cartas* os termos que querem designar, em português, o sentido de ilusão quando, em alemão, tais termos possuem outros significados. Nosso intuito é apresentar as possíveis traduções junto com as possíveis explicações da escolha por um significado ou outro em português, a fim de compreender porque Kant utiliza várias palavras em alemão para expressar o mesmo contexto da ilusão, engano, erro, loucura ou mesmo fantasia.

Palavras-chave: Schein. Täuschung. Betrug. Blendwerk. Illusion. Wahn.

Abstract: This paper aims at understand the literal translation of the German term *Schein* from Transcendental Dialectic of the *Critique of Pure Reason* (1781/1787) and its meanings in other languages in which such work was translated. This regarding that in the Portuguese translation there is a divergence between the Brazilian Portuguese, which translates *Schein* by Illusion, and the Portuguese from Portugal, in which *Schein* is translated as appearance. Therewith we will seek in the works *Dreams of a Visionary Explained by Dreams of Metaphysics* (1766), *Reflections*, and *Letters* terms that have other meanings. Our aim is to present possible translations with explanations of the selection of a meaning in relation to other in Portuguese, in order to understand why Kant uses many words in German to express the same context of Illusion, deception, error, madness, or even, fantasy.

Keywords: Schein. Täuschung. Betrug. Blendwerk. Illusion. Wahn.

1. Introdução

“O termo ‘aparência’ designa um pretense conhecimento que se revela, à luz de uma análise pormenorizada, e só depois dela, como enganoso”.
(HÖFFE)

Nossa proposta visa uma interpretação no sentido de compreensão dos termos alemães que Kant emprega para tratar da questão da ilusão em sua filosofia especulativa. Partindo da questão da ilusão transcendental, apresentada no Livro da

¹ Pós-Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia – PNP/UFU. Bolsista Capes. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. E-mail: girotti_mtg@hotmail.com

Lógica Transcendental na Seção da Dialética Transcendental da *Crítica da razão pura* (1781/1787), buscaremos compreender porque Kant utiliza o termo alemão *Schein* na Introdução desta Seção e porque o próprio Kant utiliza outros quatro termos para designar o mesmo contexto da ilusão, mas com palavras em alemão que possuem significados distintos, mas com aproximações ao termo ilusão.

A investigação está delimitada à Introdução da Seção da Dialética Transcendental, calcada no emprego da palavra alemã *Schein* com sentido de ilusão, mas também como aparência. Aqui, entra a questão de compreender os possíveis significados dos vários termos empregados por Kant para tratar da questão da ilusão, engano, fantasia e imaginação (no sentido de criação). Diante das traduções da *Crítica da razão pura* no inglês, francês, italiano, espanhol e português (de Portugal e do Brasil), verificamos que há um questionamento na tradução dos termos, na procura de aproximar a tradução destes termos para cada língua específica.

Agora, nosso problema principal decorre da tradução brasileira, pela Coleção Os Pensadores, que traduz *Schein* por Ilusão, enquanto a tradução portuguesa traduz o mesmo termo por aparência. Nesse sentido, fizemos uma investigação etimológica do termo alemão passando por várias traduções em diversas línguas, mas também procurando em outras obras de Kant a “aparência” de termos que possuem uma tradução próxima do sentido “ilusão”, mas empregadas em cada obra com significados diferentes.

Para tanto, analisamos algumas passagens da obra *Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica* (1766), bem como de algumas *Reflexões* e *Cartas* procurando entender o sentido de cada termo empregado para designar ilusão, mesmo sabendo que os termos em alemão significavam: erro, engano, ilusão e loucura. As acepções dos termos e conceitos alemães foram traduzidos por meio do Dicionário de Alemão dos Irmãos Grimm, com auxílio do Dicionário Alemão-Português Langenscheidt e também do Dicionário Alemão-Alemão Deutsches Wörterbuch.

É preciso ressaltar que os resultados abaixo são prévios e sem pretensão de esgotar a etimologia destas palavras, mas sim com a intenção de fazer apontamentos sobre as traduções e contextos, por meio de passagens escolhidas aleatoriamente, guardando, no entanto, os aspectos da ilusão apresentada por Kant na *Crítica da razão pura*, que é o nosso ponto de partida.

Com isso, os termos elencados com sentidos próximos de “ilusão” são: Täuschung, Wahn, Betrug, Blendwerk, Illusion e Schein que significam, respectivamente, engano, loucura, engano induzido, ilusão (fantasia), ilusão e aparência.

2. *Schein* como ilusão ou aparência na Dialética Transcendental

Logo no início da Seção da Dialética Transcendental da *Crítica da razão pura*, na introdução desta seção, encontramos o termo *Schein*, na subseção I intitulada no original alemão por “*Vom transzendentalen Schein*”. Fazendo uma tradução livre desse título temos, em nosso português, a sentença “Da aparência transcendental”, versando o termo *Schein* pela sua tradução mais próxima, no vernáculo, por *aparência*. Aqui é que começa nosso problema.

No Alemão, *Schein* significa, por uma tradução direta, aparência. Agora, na tradução brasileira da obra de Kant pela Coleção Os Pensadores, *Schein* é traduzido por ilusão, mas o tradutor traz uma nota que explica que a palavra *Schein* tem sentido de aparência ilusória, ou seja, significa aparência, mas é uma aparência que traz confusão, algo que ainda é aparente, sem consciência clara.

Diante disso, verificamos algumas traduções para constatar se é somente a nossa versão brasileira que traz tal significado para o termo. Isso se deu por conta de uma pesquisa que tem por objetivo entender a ilusão transcendental apresentada na *Crítica* por meio de um retrocesso ao escrito pré-crítico *Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica* (1766). Mas, ao pretender isso, nos deparamos com um problema: no original alemão desta obra, Kant não utiliza *Schein*, mas sim palavras que significam engano e ilusões criadas pelo próprio sujeito ou por influências externas. Nesse sentido, procuramos entender esses termos para poder compreender o *Schein* da *Crítica da razão pura*.

Traduzir *Schein* por ilusão causa, a nosso ver, alguns problemas iniciais. No entanto, para o nosso português, é uma boa saída para compreender a ilusão transcendental. Isso porque *Schein* significa, a princípio, aparência e a “aparência” em Kant tem um significado preciso, é um conceito. Aparência na filosofia de Kant é aquela prévia apreensão de um múltiplo sensível que ainda não tem forma, ainda não é um fenômeno, ainda será sintetizado e transformado em objeto por meio das categorias do entendimento que tem acesso a este múltiplo referindo-se à intuição pura espaço e tempo. Assim, se *Schein* é aparência, neste sentido expressado acima, a ilusão que Kant apresenta não poderia ser expressada por outros termos alemães, se não *Schein*.

A etimologia de *Schein* nos leva a crer que Kant procura afirmar que há uma ilusão a se formar, que ainda não existe, algo como uma pré-ilusão, pois só podemos nos iludir quando há algo para se iludir e, nesse caso, *Schein* como aparência causa esta impressão de ser algo que ainda será ilusório.

A ilusão transcendental em Kant é caracterizada por meio de uma confusão de princípios subjetivos e objetivos da razão. A razão exige uma unidade das regras do entendimento com vistas a um incondicionado, uma unidade, uma Ideia, enquanto pressupõe, ao mesmo tempo, que toda a série dos condicionados dados precisa trazer junto com ela o incondicionado, isto é, se o condicionado é dado é também dada toda a série das condições, que por sua vez é incondicionada (KrV, B 364). Com isso, procuramos entender que ainda não há uma unidade, ainda não há uma ideia, e ainda não há uma ilusão. A ilusão estaria nesta confusão do princípio subjetivo da razão tomado como objetivo, mas ainda não se atingiu o incondicionado para ser determinado e, aí sim, constituir uma ilusão. Por isso, acreditamos que Kant utiliza *Schein* com o significado de aparência para mostrar esta pré-ilusão, uma primeira visão da coisa sem a sua determinação.

Para entendermos melhor isso, é preciso rever as palavras que Kant utiliza para este conceito de ilusão transcendental, passando por algumas traduções e também retrocedendo em seus escritos para verificar outros termos alemães utilizados para caracterizar ilusão. Mas é preciso ressaltar que tal ilusão é um termo versado do alemão para compreensão em nosso português.

A primeira passagem da Dialética Transcendental no original alemão diz: “Wir haben oben die Dialektik überhaupt eine Logik des Scheins genannt” (B 349-350), que por uma tradução literal seria: a dialética em geral é uma lógica da aparência.

Na tradução portuguesa, de Portugal, a sentença acima é versada como: “Chamamos acima à dialética em geral uma lógica da aparência”, enquanto na versão brasileira encontramos a seguinte tradução da mesma passagem: “Chamamos acima a dialética em geral de uma lógica da ilusão”. Diante dessas duas traduções para a mesma sentença, percebemos que há uma divergência de tradução acerca do termo *Schein*, o que pode causar uma confusão de interpretação se não se dá a devida atenção à própria filosofia de Kant.

Em outras traduções encontramos tão somente a palavra aparência para versar o termo alemão *Schein*. Na versão em inglês diz: “We termed dialectic in general a logic of appearance”. Na italiana encontramos: “Noi abbiamo detto più sopra la dialettica in

general lógica dell'apparenza'. E na versão francesa diz: "Nous avons appelé plus haut la dialectique en général une logique de l'apparence". Por fim, na tradução espanhola: "Más arriba hemos llamado a la dialéctica, en general, una lógica de la aparéncia o ilusión" (Veja que a versão espanhola traz a possibilidade de versar *Schein* por aparência ou ilusão).

No final da primeira parte da Introdução da Dialética Transcendental, Kant faz uso dos termos *Schein* e *Illusion* (termo emprestado do Latim) para diferenciar a ilusão lógica da ilusão transcendental (ou aparência lógica e aparência transcendental), apontando e diferenciando *Schein* e *Illusion*: aparência e ilusão. No original alemão temos: "Der logische Schein, der in der blossen Nachahmung der Vernunftform besteht [...] so verschwindet er gänzlich. Der transzendente Schein dagegen hört gleichwohl nicht auf [...] die subjektive Notwendigkeit einer gewissen Verknüpfung unserer Begriffe, zu Gunsten des Verstandes, für eine objektive Notwendigkeit, der Bestimmung der Dinge an sich selbst, gehalten wird. Eine Illusion, die gar nicht zu vermeiden ist [...] (KrV, B 353). A tradução brasileira diz: "A ilusão lógica, que consiste na simples imitação da forma da razão [...] desaparece completamente. A ilusão transcendental, ao contrário, não cessa [...] a necessidade subjetiva de uma certa conexão de nossos conceitos em benefício do entendimento é tomada por uma necessidade objetiva da determinação das coisas em si mesmas. Trata-se de uma ilusão que de modo algum pode ser evitada". Como podemos ver, a tradução brasileira não diferenciou *Schein* de *Illusion*, quando Kant o fez, o que nos leva a crer que Kant quer dizer duas coisas distintas.

A mesma passagem na tradução portuguesa diz: "A aparência lógica, que consiste na simples imitação da forma da razão [...] desaparece por completo [...]. Em contrapartida, a aparência transcendental não cessa [...] a necessidade subjetiva de uma certa ligação dos nossos conceitos, em favor do entendimento, passar por uma necessidade objetiva da determinação das coisas em si. Ilusão está que é inevitável". Não é difícil perceber que a versão portuguesa traduz *Schein* por aparência e *Illusion* por ilusão, mantendo, talvez, a diferenciação que Kant poderia querer transmitir.

Em outras traduções há tanto um acordo em versar *Schein* por ilusão quanto por aparência, e sempre versar *Illusion* por ilusão. Na tradução inglesa e espanhola observamos que ambas traduzem a passagem acima do mesmo modo que a versão brasileira, não diferenciando *Schein* de *Illusion*. Na versão inglesa temos: "Logical illusion, which consists merely in the imitation of the form of reason [...] this illusion

totally disappears. Transcendental illusion, on the contrary, does not cease to exist [...] the subjective necessity of a certain connection of our conceptions, is regarded as an objective necessity of the determination of things in themselves. This illusion it is impossible to avoid”.

Comparando com a versão espanhola temos: “La ilusión lógica que consiste en la mera imitación de la forma de la razón [...] desaparece dicha ilusión por completo. Pero, en cambio, la ilusión transcendental no cesa [...] la necesidad subjetiva de un cierto enlace de nuestros conceptos, para el entendimiento, es tomada por una necesidad objetiva de la determinación de las cosas em sí mismas. Esta es una ilusión que no puede evitarse.” Não é preciso ressaltar que ambas concordam com a tradução brasileira e não diferenciam *Schein* de *Illusion* quando versam o original alemão.

Com relação às traduções italiana e francesa, vemos uma aproximação da versão portuguesa, uma vez que ambas diferenciam *Schein* de *Illusion* versando, respectivamente, por aparência e ilusão. A versão italiana traz a passagem do original alemão do seguinte modo: “L’apparenza logica, che consiste nella semplice imitazione della forma razionale [...] quell’apparenza si dilegua del tutto”. L’apparenza transcendente, invece, non cessa egualmente [...] la necessita soggettiva di una certa connessione dei nostri concetti in favore dell’intelletto venga considerata come necessità oggettiva della determinazione delle cose in sé. Illusione, che è affatto inevitable”. Confirmando a tradução com a versão francesa temos: “L’apparence logique, qui consiste dans la simple imitation de la forme de la raison [...] disparaît l’apparence. L’apparence transcendantale, au contraire, ne discontinue pas, [...] la nécessité subjective d’une certaine liaison de nos concepts en faveur de l’entendement est prise pour une nécessité objective des déterminations des choses en soi. Illusion qu’il n’est pas plus possible d’éviter”.

Com isso, vemos que há traduções que trazem o termo *Schein* traduzido por aparência e outras que versam *Schein* por ilusão. Mas por que a versão brasileira prefere ilusão ao invés de aparência e não só para este termo, mas também para outros termos que trazem um significado próximo a ilusão?

Diante desta questão procuramos compreender o termo *Schein* recorrendo a dicionários alemães e chegamos a uma conclusão prévia. **Schein** deriva do verbo *scheinen*, que significa brilhar, parecer, aparecer. Assim, *Schein* tem por significado brilho ou vislumbre (*Schimmer*), clareza, algo visível, evidente, mas também aparência, no sentido de aparecer. Isso pode ser entendido como Aparecimento, uma primeira

visão de algo, um primeiro olhar, algo que ainda não vejo direito, não tenho consciência plena. Trata-se de algo simulado ou alguma pretensão, que não significa propriamente aparência, como uma forma pura de aparência, mas sim é uma palavra com outras significações, que nos remete ao seu radical que indica algo semelhante a “simulação”. Nesse sentido, *Schein* tem o significado de imagem exterior que não permite reconhecer imediatamente, o que ela realmente esconde, como um ‘deixar-se iludir (enganar) pela aparência’. Com isso, para uma melhor significação é possível aproximar *Schein* de ilusão, uma vez que ilusão possui significado análogo à simulação. Nesse sentido, ou melhor, nessa interpretação, *Schein* seria Aparência com um sentido de pré-ilusão, algo que ainda não é concebido.

Desse modo, nossa primeira conclusão prévia nos leva a crer que Kant utiliza *Schein* em seu sentido restrito com significado de aparência, afirmando uma primeira impressão, uma aparição, mas que ainda não é ilusão. Pois ilusão é algo concreto, no sentido que é possível identificar algo como ilusório quando contraposto a algo real, assim como aquilo que é aparente com aquilo que é evidente. Mas lembremos que um dos significados de *Schein* é evidente.

Voltando às traduções, é interessante observar a nota da tradução brasileira pela preferência de versar *Schein* por ilusão ao invés de aparência. O tradutor diz “Kant contrapõe aqui os termos *Erscheinung*, no sentido de fenômeno, e *Schein*, no sentido de aparência ilusória. Ambas as palavras originam-se do verbo *scheinen*, que significa brilhar em sentido próprio e parecer em sentido figurado”. Ou seja, na tradução brasileira há uma saída de interpretação para *Schein*, procurando aproximar as palavras de Kant para a semântica de nossa língua: entendemos melhor ilusão do que aparência, pois, para nós, aparência é algo aparente e não algo ilusório, que causa confusão ou mesmo desencanto. Vale notar que na tradução italiana, o tradutor também traz uma nota para indicar que *Schein* significa o mesmo que ilusão: “*Schein*: lo stesso che illusione”.

Vale ressaltar que Kant, no livro sobre *Lógica (Logik, 1800)*, faz uso de *Schein* com o mesmo sentido que emprega na *Crítica*. Na seção em que ele diferencia verdade de falsidade e erro, Kant afirma: “Was den Irrthum möglich macht, ist also der Schein, nach welchem im Urtheile das bloss Subjective mit dem Objectiven verwechselt wird.” (Log, AA 09: 54). Na tradução brasileira deste escrito lê-se: “O que torna possível o erro é, portanto, a aparência, segundo a qual o meramente subjetivo se vê confundido no juízo com o objetivo”. Aqui, o termo *Schein* foi empregado no sentido de ilusão, tal

como já expressamos acima, pois a confusão entre subjetivo e objetivo apresenta uma ilusão que nos induz ao erro (KrV, B 350). Isso se lemos a tradução brasileira da *Crítica*, que traduz *Schein* por ilusão. Consultando uma tradução inglesa da mesma obra (*Logik*), observamos que o tradutor utiliza o termo em inglês <semblance> para caracterizar *Schein*, o que nos leva a crer que o tradutor quis indicar a expressão <aparência>: “What makes error possible is therefore the semblance by which the merely subjective is mistaken in judging for the objective”. Entre as duas traduções, percebemos que os dois tradutores versam *Schein* por aparência. Agora, o que nos surpreende é encontrar uma tradução brasileira que utiliza aparência ao invés de ilusão para caracterizar a proposição de Kant acerca da “ilusão/aparência” que induz ao erro. Então, *Schein* deve ser traduzido por ilusão ou aparência em nosso português brasileiro?

Voltando à nossa tentativa de compreender a ilusão transcendental na *Crítica*, procuramos compreender *Schein*, uma vez que surgiu uma dúvida quanto ao seu significado por conta da divergência de duas traduções portuguesas trazerem versões diferentes para a mesma palavra. Mas é preciso dizer que são palavras diferentes que possuem um significado, para nossa língua, próximos. Agora para compreender isso, retrocedemos ao escrito *Sonhos de um visionário*, anterior a 15 anos da *Crítica*, para verificar quais são os termos empregados para a contextualização da ilusão, pois é neste escrito que Kant aborda a questão da criação de imagens ilusórias, distúrbios mentais, bem como uma crítica à metafísica tradicional, no sentido dos limites do conhecimento, na tentativa de indicar uma ilusão.

Agora, utilizaremos somente duas traduções do escrito *Sonhos de um visionário*, no português brasileiro, e uma tradução em francês para comparar com esta tradução brasileira, para fazermos nossos apontamentos sobre o termo *Schein*, lembrando que este termo não aparece no escrito, mas outros termos alemães aparecem para trazer o mesmo significado de ilusão, no sentido de nossa língua. Iremos verificar que, nesse escrito, Kant lança mão de dois termos alemães que não significam propriamente ilusão, mas que trazem este sentido quando traduzimos para o vernáculo.

3. *Täuschung, Betrug e Blendwerk* como ilusão e engano nos *Sonhos de um visionário*

A primeira passagem dos *Sonhos de um visionário* que chama a atenção para a tradução do alemão para o português está na passagem que Kant comenta uma ilusão

que ocorre pelos sentidos que conhecemos, em nossa língua com um significado preciso, como ilusão ótica.

No capítulo quatro da Primeira Parte do escrito, Kant ressalta a observação de juízos próprios em comparação com o juízo de outros, para compreender seus próprios juízos do ponto de vista de uma razão alheia. Aqui, ele afirma que a comparação resulta em paralaxes, mas que serve como meio para se evitar a *ilusão ótica* e por os conceitos em seus devidos lugares. Deixando o contexto de lado, observamos que ilusão ótica é algo que diz respeito a uma confusão dos sentidos, um engano da sensibilidade, em ver algo que não é como algo que é. Por exemplo, ver a lua em seu tamanho real e acreditar que ela está perto, quando na verdade está anos luz de nosso alcance.

No original alemão encontramos nessa passagem “den optischen Betrug” (TG, AA 02: 349), que é versado para o português brasileiro por “ilusão ótica”. **Betrug** é uma palavra alemã que deriva do verbo *betriegen* ou *betrügen*, que significa enganar e, assim, *Betrug* tem sentido de engano. No alemão, *Betrug* significa um engano que vem de fora, isto é, o sujeito é induzido a ele, um engano que conduz ao erro, uma falácia, um enganar. Nesse sentido, se *Betrug* é um engano que leva ao erro, ele pode ser traduzido por ilusão, uma vez que Kant afirma que a ilusão induz ao erro (KrV, B 350). Agora, se traduzirmos a sentença “den optischen Betrug” pelo seu significado exato, ficaríamos com “o engano óptico”, algo que não contradiz o que conhecemos por ilusão ótica, o que, em nossa língua, soa melhor e preenche o conceito de ilusão de ótica, com sentido de ilusão dos sentidos (especificamente do olho). Com isso, *Betrug* possui um significado como engano que acontece por fatores externos, nunca se originando do nada.

Na tradução francesa dos *Sonhos*, a “den optischen Betrug” é versado também como ilusão ótica: “l’illusion d’optique”; o que nos leva a crer que o termo *Betrug* é melhor versado para ilusão ao invés de engano, quando diz respeito ao “erro” de visão caracterizado uma miragem, um erro ótico, uma ilusão ótica.

Nos *Sonhos de um visionário*, Kant trata da questão da ilusão como algo que deriva de uma doença, no sentido de distúrbio, mas também como erro ou engano dos sentidos, e ainda, como uma ultrapassagem dos limites do conhecimento ou contato com seres que residem em outro mundo, não sensível. Mas o que nos importa aqui e observar os termos empregados para significar essa ilusão, ou engano dos sentidos.

No original alemão lê-se: “eine zusammenhängende Täuschung der Sinne überhaupt ein viel merkwürdiger Phänomenon ist, als der Bertrug der Vernunft” (TG,

AA 02: 360). Na tradução brasileira temos, portanto, “uma ilusão coerente dos sentidos é um fenômeno de todo muito mais notável do que o engano da razão”. Veja que Kant utiliza *Betrug* e *Täuschung*, que são duas palavras que tem por significados engano. Mas esse engano ocorre de formas distintas, e por isso Kant deve ter utilizado estes termos para indicar corretamente o que ele pretendia. *Betrug*, como vimos, significa engano, mas é um engano que ocorre por indução, por influências externas, que conduz ao erro. Já **Täuschung** é um engano no sentido de iludir ou enganar, isto é, é um engano (que leva ao erro) ou ilusão, uma decepção (“sou enganado”). Trata-se de um engano próprio, ocasionado pelo próprio sujeito, de dentro para fora, sem influência externa, uma prescrição de um valor errado para algo, isto é, “eu me engano”. O engano, no sentido de *Täuschung*, é um engano que existe antes mesmo da própria ilusão, pois é uma criação de imagens, como quimeras, em que o sujeito cria e se engana com sua própria criação.

Com a passagem citada, podemos ver claramente que Kant utiliza *Täuschung* com sentido de ilusão, e o tradutor foi feliz em versar *Täuschung* por ilusão e *Betrug* por engano. Pois, em nosso português, poderíamos ter traduzido diretamente as palavras de Kant utilizando tanto *Täuschung* quanto *Betrug* como engano, uma vez que a primeira acepção de ambos é engano, mas *Betrug* é um engano que vem de fora, enquanto *Täuschung* é um engano que vem de dentro (podendo ser compreendido também como decepção).

Vale notar que a versão francesa da passagem acima, traz *Betrug* como <impostures>, que possui um sentido, em nossa língua, de <embuste> algo como “mentira artificial”, ou seja, mentiras artificiais criadas pela razão: “une illusion cohérente des sens en general est un phénomène beaucoup plus remarquable que les impostures de la raison”. Mesmo assim, parece que o tradutor francês confirma a ideia de um engano da razão.

Com isso, podemos afirmar que nos *Sonhos de um visionário*, sempre que Kant se refere a uma ilusão, no sentido de engano externo, ele utiliza *Täuschung* e não *Betrug*, e nem mesmo *Schein*. Agora, por que Kant não utiliza *Schein* para indicar esta ilusão? Será simplesmente porque ele não quer dizer que seja uma aparência? Mas no nosso português não parece ser a mesma coisa?

Ainda em consideração aos *Sonhos*, há uma passagem que Kant confirma a utilização de *Betrug* como um engano que vem de fora, quando afirmar que por um distúrbio mental o sujeito pode transpor uma imagem criada para fora de si e acreditar

vê-la em seus sentidos, dizendo “Dieser Betrug kann einen jeden äusseren Sinn betreffen” (TG, AA 02: 347), que na tradução está “esse engano pode se dar com qualquer um dos sentidos externos”. Tomando de empréstimo novamente a versão francesa dos *Sonhos*, vemos que o tradutor versa *Betrug* por ilusão, caracterizando uma ilusão ocasionada pelos sentidos externos. Então, acreditamos que a versão brasileira acerta em traduzir *Betrug* por engano, uma vez que a acepção em alemão confirma *Betrug* como um engano externo. Mas, no francês, parece que *Betrug* caracterizaria uma ilusão tal como na ilusão de ótica <*l'illusion d'optique*>. Na versão francesa lemos: “Cette illusion peut concerner chacun de nos sens externes”.

Para tratar da questão da ilusão, Kant também utiliza o termo alemão *Blendwerk* com sentido de ilusão, tendo em vista seu significado muito próximo de *Täuschung*, mas distante de *Betrug*. **Blendwerk**, em alemão, significa ilusão, com sentido de fantasmagoria, uma criação da imaginação, uma miragem, uma ilusão com sentido muito próximo de engano interno (*Täuschung*). Numa passagem dos *Sonhos* Kant trata de uma criação de imagens, por sonhadores acordados, que são transportadas para fora do sujeito. O sentido aqui é uma criação da imaginação e transposição da imagem para fora do sujeito, isto é, um engano interno, mas que é levado ao externo. Em resumo, um *Täuschung* com sentido de *Betrug*, mas que significa *Blendwerk*.

No original alemão lê-se: “die Frage ist hier nur, wie es zugehe, das sie das Blendwerk ihrer Einbildung ausser sich versetzen” (TG, AA 02: 343); pela tradução entendemos: “a questão aqui é apenas como se dá que eles põem fora de si a ilusão de sua imaginação”. Portanto, *Blendwerk* tem significado de ilusão, uma vez que se é levado a acreditar em algo criado pela imaginação (interna) como sendo algo real (externo), uma ilusão do sujeito. A mesma passagem em francês traz *Blendwerk* como ilusão, o que confirma a versão brasileira: “et la seule question qui se pose ici est de savoir d’où vient qu’ils transportent hors d’eux-mêmes l’illusion née de leur imagination”.

Para encerrar a análise dos termos que dizem respeito à ilusão nos *Sonhos*, vejamos uma passagem onde Kant lança mão do termo *Täuschung* para indicar uma ilusão que ocorre com os sentidos, mas uma ilusão que deriva da criação de fantasias que conduzem à aparência (*Apparenz*) de objetos correspondentes na sensibilidade. No original temos: “Diese Täuschung kann einen jeden Sinn betreffen, und so sehr dieselbe auch mit ungereimten Hirngespinnsten untermengt ware, so dürfte man sich dieses nicht abhalten lassen, hierunter geistige Einflüsse zu vermuten” (TG, AA 02: 341). Pela

tradução: “Essa ilusão pode ocorrer com cada um dos sentidos, e, por mais que ela fosse misturada com fantasias absurdas, não deveríamos deixar de supor aqui influxos espirituais”. Vê-se com isso, que Kant apresenta uma ilusão que pode ocorrer nos sentidos mediante alegorias criadas internamente, que se pressupõem tê-las no campo da sensibilidade. Encerrando com a versão francesa para confirmar *Täuschung* como ilusão, lemos: “Cette illusion peut concerner n’importe lequel des sens, et, si mêlée soit-elle de chimères absurdes, on ne saurait s’abstenir de supposer là-dessous des influences spirituelles”.

Agora, com o intuito de concluir esta breve análise sem resultados definitivos, passemos ao emprego da ilusão em algumas das *Reflexões* de Kant e em uma *Carta*, onde Kant utiliza o termo *Blendwerk*, entendido aqui como ilusão, no sentido de fantasias.

4. *Schein*, *Wahn* e *Illusion* como ilusão, ilusão e loucura nas *Reflexões*

Na *Reflexão 5553*, do volume XVIII da Academia, encontramos o termo *Schein* numa passagem que indica um sentido mais próximo de ilusão, mas, se comparado à passagem da *Crítica da razão pura*, voltaremos a nossa discussão inicial.

Nessa *Reflexão* Kant afirma que a Ilusão ou Aparência é uma confusão das condições subjetivas do nosso pensamento com as condições objetivas, como algo que não podemos evitar porque é preciso pensar um incondicionado que é trazido junto com a natureza própria do sujeito. É interessante notar que esta passagem diz respeito ao ponto em que Kant indica a característica da ilusão transcendental no contexto da *Crítica*. E vemos que tanto na *Crítica* quanto nesta *Reflexão* o termo empregado por Kant é *Schein*, o que nos leva a entendê-lo como ilusão ou aparência, o que para o vernáculo nos faz entender melhor considerando *Schein* como ilusão.

Segundo a *Reflexão* no original: “Das, was allen Schein macht: nämlich die Verweckslung der subjective Bedingungen unseres Denkens mit den objectiven. Diesen können wir nicht vermeiden, weil wir ein object unbedingt denken müssen und keine andere Art es zu denken haben als nur die, welche die besondere Beschaffenheit unseres Subjects mit sich bringt.” Com isso, podemos compreender que *Schein* segue o mesmo sentido que foi empregado na *Crítica*, o que nos leva a permanecer no impasse da tradução por aparência ou ilusão.

Mas como já ressaltamos, a versão de *Schein* por ilusão não se distancia do sentido original, aparência, mas é preciso, mais uma vez, aprofundar na questão e ver que Kant também utiliza o termo *Wahn* em algumas *Reflexões* com sentido de ilusão, mas que, na verdade, deve-se entender por loucura.

Na *Reflexão 6215* Kant diz: “Dem Wahne ist der Erfahrungsgebrauch der Vernunft entgegen gesetzt”, que pode ser traduzido por “a ilusão é oposta ao uso empírico da razão”, sendo que tal tradução direta faz mais sentido do que traduzir *Wahn* pelo seu significado mais exato que está ligado à loucura, no sentido de doença mental, ou mesmo distúrbio. Em alemão, **Wahn** é uma pré-palavra, como uma espécie de prefixo, que indica erro, uma falsa percepção, uma cegueira, um deslumbramento (como autoengano) e tal termo se liga às doenças mentais no sentido de delírio, ilusão, loucura ou mesmo imaginação. Essa terminologia é corrente em alguns escritos de Kant quando ele se refere à parestesia ou delírio <Wahnsinn>. Mas para o contexto que estamos abordando, o termo *Wahn* ganha um sentido de ilusão, uma má visão, pois trata-se de um mau uso da razão ou mesmo aquela confusão dos princípios subjetivos com “aparência de” princípios objetivos.

Além disso, vale notar que Kant utiliza, vez ou outra, a palavra *Illusion* ou *Illusione*, emprestada do Latim, para tratar da ilusão quando numa mesma sentença há o termo *Schein* indicando erros. Na *Reflexão 2550* Kant diz: “Der Schein ist entweder als Illusion des Verstandes, d. i., Grund möglicher Irrthümer, oder als Illusion der Urtheilskraft oder der Vernunft zu betrachten”. Traduzindo livremente temos: “A aparência deve ser analisada como ilusão do entendimento, isto é, o fundamento de possíveis erros, ou ilusão da faculdade de julgar ou ilusão da razão.” O ponto é compreender que não poderíamos, aqui, traduzir *Schein* por ilusão, mas tão somente por aparência, já que o próprio Kant indicou o sentido da sentença, quando acrescenta um termo emprestado do Latim para indicar ilusão, sem recorrer aos termos *Täuschung*, *Betrug* ou *Blendwerk*, que poderiam trazer um significado próximo.

Para endossar que nas *Reflexões* Kant nos indica que *Schein* deve ser entendido como aparência, mas com sentido de ilusão, vale citar a *Reflexão 5063* que diz: “Die transscendentale dialectic ist die Critik des Schein, wie die Analytic die doctrin der Wahrheit ist.”, que em nossa língua quer dizer: “a dialética transcendental é a crítica da aparência, tal como a analítica é a doutrina da verdade”. Mas também poderíamos versar tal passagem como “a dialética transcendental é a crítica da ilusão”.

Antes de finalizarmos nossa breve reflexão, iremos verificar uma ocorrência do termo *Blendwerk* numa das *Cartas* de Kant para, enfim, compreender o significado empregado por Kant com este termo alemão.

5. *Blendwerk* como ilusão e fantasia nas Cartas

Na Carta de Kant enviada a Moses Mendelssohn em 8 de abril de 1766, Kant faz uma referência a *Blendwerk* com sentido de fantasia por conta dos sonhos de fantasistas, mas que também pode ser entendido como ilusão, no sentido de criação de imagens, uma invenção. Na Carta ele diz: “Diese Erdichtung aber kan niemals auch nur einen Beweis der Möglichkeit zulassen und die Dencklichkeit (deren Schein daher kommt dass sich auch keine Unmöglichkeit davon darthum lässt) ist ein blosses Blendwerk wie ich denn die Träumereyen des Schwedenbergs selbst, wenn iemand ihre Möglichkeit angriffe, mir zu vertheidigen getraueete [...]”. Por uma tradução literal poderíamos dizer: “mas essa invenção (ou imaginação) jamais pode admitir tão somente uma prova da possibilidade e a criação (cuja aparência deixa provar também que não é nenhuma impossibilidade) é uma mera fantasia que eu mesmo não me atrevo a defender as fantasias de Swedenborg como alguém que agarrasse essa possibilidade”. Vê-se, portanto, que *Blendwerk* aparece novamente com aquele sentido de fantasia ou ilusão criada internamente, por isso Kant emprega tal termo para se referir às fantasias do visionário Swedenborg e coloca em parênteses *Schein* com sentido de aparência, mas que nos leva a dizer que está muito mais próximo de ilusão, pois as fantasias de Swedenborg são consideradas ilusórias por parte de Kant.

E, para terminar, voltando para as reflexões, na *Reflexão 4930* Kant diz: “Der Schein aus mangel des Urtheils ist der Anschein (der erste Schein): *apparentia*.” Sem muita discussão, analisemos esta última sentença, começando por uma possível tradução: a ilusão por imperfeição do juízo é aparência (a primeira aparência) – ‘*apparentia*’. A utilização do termo latino nos induz a pensar em duas traduções para a palavra *Schein* em uma mesma frase: “der Schein ist der Anschein”. **Anschein** significa literalmente “aparência” (um advérbio que deriva do termo alemão *scheinbar*, que significa provável – *es sieht so aus, als so*: parece assim ..., como se ...), então, nesta frase, não poderíamos traduzir *Schein* por aparência, pois ficaria: a aparência é aparência. “Der Schein ist der Anschein (der erste Schein)” – a aparência (ou ilusão) é a aparência (a primeira aparência): entendemos por essa frase o seguinte: a aparência é

um primeiro aparecimento, uma aparência, portanto, algo ainda inconsciente, uma simulação, uma ilusão; assim, deveríamos traduzir a sentença para um significado melhor em nosso português como: “a aparência é a ilusão” (a primeira aparição).

6. Considerações finais

Com essa breve reflexão, no sentido de apontamentos sobre o termo alemão *Schein* com significado de aparência ou ilusão, nos leva a pensar na possibilidade de considerar a tradução brasileira, como a única que assume a tradução de *Schein* por ilusão e não por aparência, como uma tentativa de compreender que *Schein* é uma aparência no sentido de aparição, primeira aparência, primeira visão, algo que ainda não é claro, está confuso.

Nesse sentido, queremos deixar como reflexão a possibilidade de apresentar *Schein* como uma pré-ilusão, no sentido de que ainda não há algo com que se iludir, aproximando assim a tradução brasileira das outras traduções que trazem *Schein* como aparência, ou seja, algo que ainda não é de total consciência.

Com isso, Kant não poderia ter utilizado *Schein* no escrito *Sonhos de um visionário*, uma vez que na *Crítica* ele está expressando a possibilidade de ocorrer uma ilusão quando se confunde princípios subjetivos com objetivos, e lá, Kant mostra o engano no sentido de criação imaginativa ou erro de visão, um engano externo ou interno, ainda não uma ilusão propriamente dita. Mas é preciso considerar que nossa língua não possui termos exatos para traduzir as palavras que Kant utilizou em seus escritos, o que nos leva a traduzir os termos alemães por interpretações.

Ou seja, por que Kant utilizaria de 4 a 5 expressões diferentes, mas com sentidos próximos para dizer sobre um mesmo tipo de ilusão que ocorre de formas diferentes? *Täuschung* é uma ilusão interna; *Betrug* é uma ilusão externa; *Blendwerk* é uma ilusão fantasiosa; *Wahn* é uma ilusão no sentido de delírio; *Schein* é uma ilusão no sentido de aparência. Ou seria uma aparência no sentido de ilusão?

Referências

- CAYGILL, H. *Dicionário Kant*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
GRIMM, J.; GRIMM, W. *Deutsches Wörterbuch*. Disponível em:
<<http://woerterbuchnetz.de/DWB/?sigle=DWB&mode=Vernetzung&lemid=GT01742>>.
Acesso em: 06 de abr. 2012.

- HOEPNER, L.; KOLLERT, A. M. C.; WEBER, A. *Langenscheidt: Taschenwörterbuch Portugiesisch*. Berlin und Müschen: Langenscheidt, 2001.
- KANT, I. *Critique de la raison pure*. 3. ed. Paris: Ladrance, 1864.
- _____. *Kritik der reinen Vernunft*. Berlin: Georg Reimer, 1902. Band 3.
- _____. *Logik*. Berlin: Georg Reimer, 1902. Band 09.
- _____. *Briefe*. Berlin: Georg Reimer, 1902. Band 10-13.
- _____. *Reflexion*. Berlin: Georg Reimer, 1902. Band 14-19.
- _____. *Crítica de la razón pura*. Madri: Libreria General de Victoriano Suares, 1928.
- _____. *Crítica da razão pura*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores, Kant I).
- _____. *Logic*. New York: Dover Publications, 1988.
- _____. *Lógica*. Rio de Janeiro, 1992.
- _____. *Oeuvres philosophiques: des premiers écrits à la Critique de la raison pure*. [S.l.]: Gallimard, 1997. (Kant).
- _____. *Kritik der reinen Vernunft*. Hamburg: Meiner, 1998. (Philosophische Bibliothek).
- _____. *Crítica da razão pura*. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- _____. *The critique of pure reason*. Pennsylvania: Eletronic Classics Series, 2010.
- _____. *Crítica della ragion pura*. Disponível em: <http://ebookbrowse.com/gdoc.php?id=58917178&url=64b962201dfab74ddbc237eec6d2bef1>>. Acesso em: 06 de abr. 2012.
- _____. Sonhos de um visionário explicados por sonhos da metafísica. In: _____. *Escritos pré-críticos*. São Paulo: Unesp, 2005. p. 141-218.
- WAHRIG, G. *Deutsches Wörterbuch*. Müschen: Mosak Verlag, 1987.